

IDOLATRIA ICONOCLASTA: FIGURAÇÕES PARADOXAIS

Paola Zordan

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

Com o pensamento de Aby Warburg, neste texto, articula-se criação, historiografia e iconologia em reinvenções e apropriações de ícones da Virgem Maria junto a imagens de genitais. Ao se textualizar interstícios entre a estrita pesquisa imagética e o projeto poético *Idolatria Iconoclasta*, o problema historiográfico que se apresenta é seu próprio

atlas, que constitui uma amostra polivalente de santas e vulvas, formando uma grande coleção de referências e coincidências. As ramificações labirínticas das imagens, assim como seus critérios de seleção, mostram as dificuldades para se extrair uma síntese unitária, mesmo operando agrupamentos.

Palavras-chave: Vulvas. Marianismo. Engrama. Sincretismo.

Virgens vulvas

O projeto poético *Idolatria Iconoclasta* discute a fórmula da figura sagrada, dando a ver que o problema a ser pensado é a própria constituição das imagens que uma pesquisa coleciona e produz. Mostra reinvenções e apropriações de ícones da Virgem Maria, destacando a relação, bastante recorrente nos últimos anos, de Nossa Senhora com imagens de genitais. Trata-se de um engrama que recria, numa só composição figurativa, a forma figurada da mulher e o que dela pouco se apresentava, ou seja, seus genitais. O estudo desse engrama constitui uma amostragem polivalente de santas e conas, constituindo ampla coleção de referências e coincidências expressas em imagens. Com Aby Warburg, entende-se que a *pathosformel*, fórmula patética que expressa a força engramática das imagens, articula elementos aparentemente inusitados. O que, por uma marca formal, deixa um *pathos*, aqui se apresenta tanto pelos trabalhos plásticos e visuais, produzidos em ateliê, como pela ampla captura de imagens advindas da iconografia mariana popular e referências iconográficas e iconológicas de Nossa Senhora ou Virgem Maria. Embora não se organize como um atlas, produzindo pranchas ao modo de Warburg, essas coleções permitem pensarmos as relações historiográficas entre representações que em dados momentos históricos foram irreconciliáveis, tais como o Vício e a Virtude, o sexo e o sagrado, o erótico e a Mãe, hoje relacionados de forma explícita.

Santos, assim como seus atributos visuais, tornam-se matéria para estudo porque figuram imagens que, em si, são engramas, os quais expressam a força de um tipo de devir. Os santos, como os deuses, ligam-se ao concreto, apresentam emanações de lugares, exprimem fenômenos naturais, objetos de poder, partes do corpo e ações cujo impacto trazem alguma lição relevante. O tratamento de um arquivo prolífero, referente a uma pesquisa que faz levantamentos imagéticos junto à criação de pinturas, desenhos, esculturas colagens, fotografias (figuras do texto) e performances, é mostrado aqui a partir de algumas estratégias quanto ao trabalho artístico. O termo “arquivo”, neste caso, descreve apenas a situação da coleção, não se referindo ao peso arcaico que alguns engramas imagéticos, fruto de recorrências, carregam. Não se trata de algo do guardado e sim de um arsenal de imagens colecionáveis, dispostas em pastas, com diversas possibilidades de agrupamento.

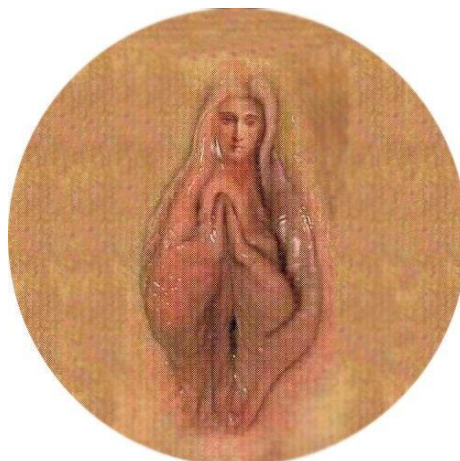


Figura 1. *Virgem Vulva*, imagem anônima, colagem digital, circulando como meme na internet, 2018

As *Virgens Vulvas*, imagens recorrentes de Nossas Senhoras que evidenciam o genital feminino em sua própria constituição figurativa, surgem no início do século XXI como uma figuração inusitada. Estas criações, em geral, veiculam a força do feminino, não fazendo distinções entre o ícone religioso e a figuras de devoção popular. Relações entre imagens de disseminação popular e as de cunho historiográfico mostram o divino ou divindades específicas em formas passíveis de erotização. Via inventários visuais e listagem de designações em torno da mística ligada à Virgem Maria, por vezes via material coletado em trabalhos de campo em locais de culto mariano e museus, uma coleção constitui o que podemos chamar de “reserva técnica”, “arquivo” ou mesmo “arsenal”, mas com Warburg se torna atlas. Trata-se de figuras genitais e marianas cujas múltiplas disposições movem o pensamento a traçar relações entre imagens do sagrado, o canônico, a arte e o sexo.

Tema problema

Intitulado *Essa Senhora*, o projeto de pesquisa apresenta objetos que, embora descrevam o tema, são o próprio problema da pesquisa, tornando o tema um objeto-problema que delimita os achados para seu próprio atlas. O tema, Virgem Vulva, Santa Genital, configura, em seu paradoxo, o problema, não sendo possível separar tema, problema e objetos de investigação e, sim, trabalhar a partir das imagens os campos problemáticos que os motivos colocam em objetos específicos, de modo que ao nos adentrarmos nas figuras, vemos que as imagens não podem ser especificadas senão por suas constantes descontinuidades e ligações. A investigação trata do problema envolvido na confluência de diferentes construções de pensamento, sendo as coleções aquilo que se pode mostrar. Para além das imagens produzidas dentro da pesquisa poética, as séries de sentido nas quais as figuras de interesse estão implicadas abrem a questionamentos infinitos. Trata-se de um atlas pensado a partir do colecionismo associativo de Warburg, tendo ainda como perspectiva a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e sua repercussão, em termos de ordenamento e fragmentações, no tratamento de conjuntos imagéticos desenvolvido por Georges Didi-Huberman. Esse atlas compõe agrupamentos imagéticos que envolvem, de modo geral: 1. obras de arte da historiografia catalogada museologicamente ou em monumentos históricos; 2. imagens disseminadas no contemporâneo e artefatos comercializáveis; 3. séries de desenhos, colagens, pinturas e registros de performances em sua datação e etapas dos processos criativos implicados.



Figura 2. Nossa Senhora das Graças e Rosas, colagem, 8 cm x 10 cm, 1994

A recorrência do tema é documentada no que a pesquisa trata em termos de coleções de incidentes. Com diversidade de aspectos explorados na organização estilística, temática e histórica das fontes, as coleções afirmam interesses em comum entre historiografia e criação. Arquivos constituídos por fontes imagéticas são intensificados pela migração e reprodução de imagens, sendo que o número de fontes para uma pesquisa artística é potencializado devido à circulação digital das imagens. Grande parte do arquivo referencial se compõe de imagens compartilhadas nas redes sociais, algumas sem fontes. Os diversos aspectos dessa produção demandam um levantamento iconográfico chamado “inventário de precursões”. A análise de figuras que se tornam um genital é uma incidência contemporânea, passível de aprofundamentos iconológicos, em que a iconografia mariana e representações em torno de genitais femininos estudadas possam ser estendidas a outras discussões. Fontes aleatórias e obras de arte que convergem aos temas pesquisados e da poética em construção aparecem com elementos similares, sendo estas referências encontradas no percurso, tratadas em termos de coincidências.

Comecei a trabalhar o tema “santinhos” com estampas coloridas vendidas comercialmente, produzindo colagens e, logo depois, fazendo reproduções desenhadas de figuras femininas escolhidas em livros de História da Arte, isto na segunda metade da década de 1990. As molduras douradas para bricolagens de imagens impressas comercialmente problematizam o enquadramento ornamental que o classicismo impute às figuras, destacando atributos simbólicos e morais. O vazio da figura de adoração, mote para todo projeto, começou sendo explorado numa pequena estampa de Nossa Senhora da Conceição¹, a qual se compôs, posteriormente, com desenvolvimento da problemática em torno do colonialismo presente neste tipo de figura (Torelly; Zordan, 2019), no que se institui, via teses, como braço antropológico da pesquisa. Neste aspecto, o dourado,

¹ Disponível em: <https://www.paolazordan.xyz/cortes>

recorrente em toda produção, imprime o mal-estar barroco de uma civilização escravocrata e catequizadora. Estas colagens com estampas religiosas, adquiridas no comércio do Apostolado Litúrgico, foram executados após o projeto de graduação *Cemitério*, de 1993², que expunha simulacros de carneiras, trabalhos feitos de isopor revestido de cimento, tendo como modelo os cemitérios verticais da cidade de Porto Alegre. A discussão dos clichês devocionais e a exploração do *kitsch* enquanto estética perturbadora, que desde os túmulos estava sendo questionada, reincide numa série de colagens em que a figura dita “santa” é alterada, porém sem perder seu aspecto e os seus principais atributos devocionais, como alguns oratórios desenvolvidos junto a *Cemitério*. O projeto de um oratório de cimento vazio, preto por dentro, por fora formado com um mosaico de cacos de imagens de santos, anjos e entidades da religiosidade afro-brasileira quebradas propositalmente, foi chamado *Idolatria Iconoclasta*, nome que pode ser usado para todo montante destas produções³.



Figura 3. Paola Zordan, *Capela Idolatria Iconoclasta*, 2010 -2019.
Cimento, cacos de gesso e resina, óleo/PVC, 96cm x 70 cm x 30 cm

² Algumas destas obras podem ser visualizadas em: <https://www.paolazordan.xyz/cemiterio>

³ Além das presentes reproduções, alguns trabalhos estão disponíveis para visualização em <https://www.paolazordan.xyz/santas>

O paradoxo entre idolatrar e desconstruir a imagem, seja por sua repetição, esgotamento, quebra ou deturpação, é explorado em todas as séries de trabalhos e, atualmente, na pesquisa que inventaria imagens coincidentes ao tema-problema Virgem Vulva aqui discutido. É seguindo as constelações de imagens warburguanas que, a título de demonstração, o que se entende por arquivo pode produzir uma espécie de “bombardeio” imagético ao dar a ver a totalidade de sua dimensão. Considera-se as recorrências visuais dadas pelos diversos e ilimitados braços do atlas, no caso centrado na convergência entre dois grandes temas: iconografia mariana e representações dos genitais. Com Gombrich, as imagens que as propiciam, nunca antes explicitada relação entre santas e vaginas, podem ser pensadas como “evidência histórica valiosa” (2012, p.265). A compreensão sociopsicológica almejada por Warburg, mestre de Gombrich, induz-nos a determinados procedimentos em torno de arquivos imagéticos, sendo as relações de contiguidade e migrações entre as imagens articuladas visualmente tal qual como as montagens do *Atlas Menmosyne*. Deste modo, um arquivo de pesquisa que, ao modo warburguiano, elenca incidentes e reincidentes, descreve um sistema de relações entre diversas imagens, estabelecendo continuidades, recorrências e singularidades inusitadas dentro de um padrão. Trata-se de exercitar o olho num trabalho com matérias vivas, que demandam decodificações e classificações, ainda que provisórias, do material colecionado.

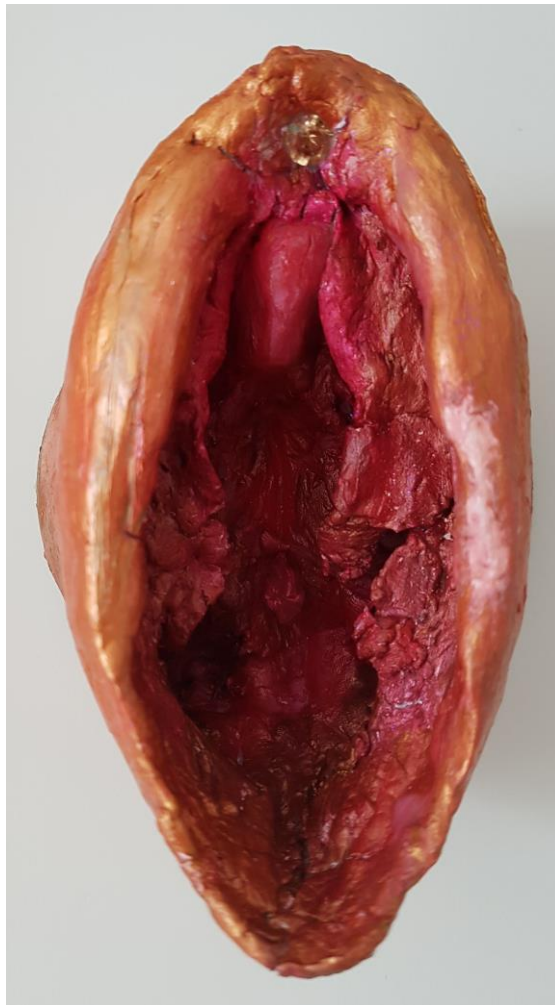


Figura 4. Paola Zordan, *Cona*, cerâmica policromada, 2017

Em 2020, abundam, seja em mostras de arte contemporânea, seja na produção de ícones, imagens de vulvas. Uma observação acurada permite dizer que as vulvas são ícones de consumo que estão tomando o lugar das Fridas, clichê de empoderamento feminino. Quando me detive na discussão da invisibilidade dos genitais femininos na produção imagética contemporânea, em 2000, as vulvas não eram *pop* como são hoje. Ter apresentado, na época, questões sobre a invisibilidade do genital feminino, tanto na discussão dos materiais que mostravam esquemas de genitais em revistas femininas (Gomes, 2003) como no trabalho *Corpo de Passagem* de Vânia Mombach (Zordan; Mombach, 2007), fez com imagens em torno do tema me fossem enviadas. Ao tratar dos genitais femininos em seus aspectos visuais e produzir um primeiro inventário de obras em torno de vulvas e vaginas, recebi, durante uma conversa descompromissada, a informação de que na Califórnia havia um artista que relacionava a forma de Nossa Senhora, a qual me apropriava nas colagens e na discussão levantada em *Idolatria Iconoclasta*, a vaginas. Sem referência visual, comecei a fazer essa relação em meus esboços gráficos, os quais, posteriormente, geraram uma série de pinturas. Tempos depois, recebi uma primeira imagem, de grande disseminação⁴, contudo sem identificação e sem pistas quanto a sua origem, a qual corroborava a relação Virgem e Vulva. Via cruzamentos de termos e imagens, é possível supor que a imagem mencionada pela colega que estivera na Califórnia, primeiramente se tratava da pintura *Goddess* (1989), do mexicano Alfred Quiroz⁵, encontrada via buscas na internet quanto a exposições californianas, cujos registros datam do final dos anos 1980. Essas figuras, assim como outras que foram sendo enviadas e encontradas, passam a constituir uma coleção digital de imagens relacionadas ao tema-problema pesquisado. A produção a partir de um diagrama ogival, elíptica, exploração à forma de abertura que se assemelha a uma amêndoa, também descrita como *vulnus*, ferida crística que acompanha, exteriormente, a figura da Mãe e/ou do Filho. Tais figurações são de fato, engramas cuja força descrevem uma *pathosformel* aparentemente pouco expressiva em termos de expressão figurativa, cuja transposição e transfiguração mostram o quanto não há limites entre o que nomeamos como “arcaico”, “primitivo”, “moderno”, “clássico” e a forma que se repete nas mais diversas maneiras.

⁴ Esta primeira imagem recebida eletronicamente, a qual serve de base para outras criações carece de fontes, apesar das buscas. Disponível em:

<https://www.facebook.com/freakssociety/photos/a.333664536745518/1541041949341098/?type=3&theater>

Recriações disponíveis em:

<https://br.pinterest.com/pin/699324648361500924>

<https://i.pinimg.com/originals/e6/5b/29/e65b2959399634265f20dca2651bb9aa.jpg>

e <https://twitter.com/tracyphilbeck/status/822924756341166080>

⁵ Disponível em: <http://almalopez.com/ORnews/010604azb.html>

As relações entre Nossa Senhora de Guadalupe e formas ctônicas são bastante exploradas, como é possível encontrarmos em post e comentários populares.

Cf: <http://maldadreyes.blogspot.com/2016/12/guadalupanos-vs-el-maldad.html>

Conjuntos e suas composições

Esse conjunto, com suas “sobrevivências, latências, e aparições misturadas com o desenvolvimento mais manifesto dos períodos e estilos” (Didi-Huberman, 2013 p.71), afirma interesses em comum entre historiografia e criação. O material coletado passa a se organizar para além da noção de arquivo como armazenamento e conservação de documentos e sim em sua função operacional como subsídio essencial para criações plásticas, pictóricas e gráficas. Assim, trata-se de um arsenal para se discutir métodos de investigação e produzir a própria pesquisa, tendo em vista que os problemas que o atlas apresenta são os problemas do pesquisar. No presente caso, estes problemas não se restringem apenas ao estudo das obras e imagens coletadas, as quais mostram uma fórmula de *pathos* genital, mas também a produções poéticas que poderiam ser um arquivo à parte. Deste modo, há uma separação entre produções autorais e coleções de referência para estudos. Produções próprias, de minha autoria, por sua vez, se distinguem das produções advindas das pesquisas orientadas que, sob outros aspectos e com diferentes mídias, tratam de figuras. O arquivo se amplia com orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações de Mestrado e Teses que tratam de deusas, mulheres caídas, mulheres de segunda linha, mulheres que se dobram, drapeados, tecidos, sendo impossível descrever, nesse breve texto de ênfase metodológica, a variedade estilística, icônica e de meios que todos os trabalhos implicados trazem. Esta profusão poética intensifica o problema do atlas montado junto ao arquivo, visto cada um dos orientandos ter seus referenciais individuais e questões específicas em torno das imagens desenvolvidas, trazendo arquivos próprios dentro do atlas geral da pesquisa. Tal respeito às singularidades dificulta a pesquisa a concentrar-se prioritariamente no estudo dos temas que me são prioritários, ainda que, indiretamente, todos os demais temas-figura estejam ao tema-objeto-problema relacionados. Para melhor se conduzir dentro de um diversificado cabedal de referências e produções, cortes são operados, de modo a sectionar o atlas em partes que possam ser distinguidas.



Figura 5. Coleção de incidentes desordenada, work in progress, 2007-2019

A primeira separação nas coleções ocorre da distinção entre arte sacra e religiosidade popular, a qual separa Virgens Marias feitas para retábulos, oratórios e outros dispositivos devocionais das imagens de disseminação popular, como as das Pomba Giras, deusas greco-romanas, e outras entidades ligadas ao culto do feminino, como Iemanjá. Esta divisão falha quando o arquivo traz as Vênus esteatopígicas do paleolítico e as *Sheela na gig* dos templos medievos, pois nestas imagens não há como sabermos o quão sacra ou profanas se configuraram. Não distinguir, em relação ao tema-objeto-problema, a arte legitimada de artes aplicadas é uma estratégia que, a partir de Warburg e com os estudos de Didi-Huberman, possibilita pensarmos a arte, especialmente a que fizemos, fora dos limites que a discursividade intrínseca ao campo da legitimação das artes impõe. Por outro lado, recorre-se a elementos historiográficos com o intuito de afirmar a maleabilidade daquilo que tomamos como herança em relação aos temas para os quais a problemática nos leva.

Os arsenais da arte historiografada, que envolvem desde deusas até as mulheres fatais do século 19, são obtidos em trabalhos de campo e nas reproduções das obras, permitindo um amplo panorama em torno das figurações femininas e de como estas são ou não relacionadas ao sexo. Os arquivos de arte sacra, de caráter indubitável quanto à finalidade de figura, os quais compreendem Virgens Marias do Renascimento As pinturas de Bartolomé Murillo em torno do dogma da Imaculada Conceição (1678) são referências iconográficas para estampas populares. Um primeiro estudo (Zordan, 2017) tem como um dos elementos de interesse a *Assunção da Virgem* (1516) pintura de Tiziano na igreja de Santa Maria Gloriosa dei Fiori, a qual inspira o poema de Oscar Wilde, expressão dos paradoxos profanos presentes no ícone mariano. E é uma *Anunciação* (1850) de Dante Gabriel Rosseti que, ao apresentar uma ruptura iconológica no tema, precede imagens como *A origem do mundo*, detalhe de um ventre feminino pela perspectiva dos genitais, pintado por Courbet, em 1866. No artigo *Virgem Nossa Senhora Mãe paradoxal* (Zordan, 2017), discuto como a pureza, a castidade, a servilidade e a resignação se constelam no mito que a pesquisa apresenta, não apenas junto ao seu dispositivo secular, que subjugou o feminino à moral dos patriarcados, mas principalmente naquilo que desmitifica a moralidade sobre qual as figurações, especialmente as marianas, se estruturam. Nestes exemplos notórios, um olhar atento às imagens de *Imaculada Conceição* permite mostrar o quanto uma fórmula, cuja preponderância situamos na série de Murillo se aplica popularmente. A compreensão de que os dogmas são crenças populares anteriores a sua aceitação oficial pela instituição eclesiástica mostra o quanto os limites entre as práticas carnais e as figuras de adoração não são precisas. “Uma arte sensual poderia ser o sintoma de uma sociedade corrompida, mais culpada ainda se essa sensualidade também infectasse a imagística religiosa” (Gombrich, 2012, p.267), o que de fato, mesmo veladamente, ocorre. Drapeados em pinturas e entalhes evocam sugestivas invaginações, por toda a arte colonial o limite entre sensualidade, carne e elevação metafísica é tênue.



Figura 6. Pinturas de Murillo e estampa comercial

Ao buscarmos signos dessa imprecisão das fronteiras entre sensualidade e pudica, mesmo em obras do passado, não conseguimos separar o que vem a ser o explícito do sexo e a sexualidade que pode ser evocada nas imagens de cunho religioso como, por exemplo, um “símbolo eucarístico” (Filho, 2010, p.100) em forma de vulva (pão ou concha?) encontrado, em trabalho de campo, no forro da Igreja de Santo Antônio, Matriz de Tiradentes, em Minas Gerais. Descobertas foram feitas, ainda sem identificação de autoria e sem acesso a dados, ao serem encontradas, ao acaso, pinturas de Nossas Senhoras da Conceição no Museu de Arte Sacra de Mariana e na Igreja da Ordem Terceira de São Francisco em São João Del Rey, Minas Gerais, no convento de Nossa Senhora do Carmo, em Salvador, Bahia, na Igreja de Santo Antônio, em Lisboa, todas necessitando de dados precisos quanto a autores, datas e relações iconográficas, em especial nas suas estreitas relações com as pinturas das *Imaculadas* de Murillo. Além destas, entre vários sítios visitados, destaco a Basílica de Nazaré, em Belém do Pará, o Santuário de Fátima em Portugal e, não sem problemas de identidade histórica, o Santuário Mãe de Deus em Porto Alegre. A Nossa Senhora da Conceição de Victor Meirelles (1856), na catedral de Santo Antônio dos Anjos, em Laguna, Santa Catarina, também foi estudada, sendo observado uma espécie de grelo, equivalente a um volume entre as coxas, sob a saia, no drapeamento central da figura. Nestes trabalhos de campo, todos passíveis de desdobramentos em estudos específicos, é possível inventariar imagens que comprovem a ambiguidade de um signo religioso que, em seu culto e devoção, consagra o corpo enquanto força espiritual.

Produções referenciais

Outra parte das imagens documentadas compreende a produção contemporânea, na qual uma gama prolífera de santos e imagens religiosas é apropriada, sendo que essas recriações também constituem um dos inventários do arquivo. Pilar Fernández, Alejandra Alarcán, Jacqueline Secor e Annie Sprinkle são artistas com trabalhos veiculados em redes sociais e que apresentam a vulva e a vagina em suas produções, algumas nitidamente *kitschs*. No Brasil, Sara Panamby e Rosana Paulino também trazem trabalhos que

abrangem a questão. Assemblagens de bolsas invertidas, mostrando as dobras dos forros, *Coin Cunts*, de Suzanna Scott⁶ (primeiramente identificadas na web como de Ralph Anthoni e Izzet Yildirim, atestando o quanto as autorias via internet se perdem) faz referência a vulvas. Esta artista também explora órgãos genitais e a anatomia completa do clitóris, cuja forma em escultura e desenhos começa a ser disseminada. O uso de costuras, tecidos e outros elementos referentes à feminilidade tem como precursora Louise Borgeouis. As *Madonnas e Reconfigurações* de Cynthia Consentino (2014) foram achados de pesquisa relevantes, cujo trabalho vai ao encontro, ainda que com estilos e níveis de detalhamento incomparáveis, das produções de Soasig Chamailard. Também constam no arquivo o projeto *Vaginas's Wall* de Jamie Mac Cartney⁷ e as cerâmicas *Vagina Madonna* de Micki Tschur⁸. No rol das coincidências, encontro as santas de gesso pintadas por Juliana Gonzalez e os altares e santas em assemblagens no Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Artes Visuais *A estética da adoração*, de Taís Ferreira, duas alunas de minha própria instituição, que ignoravam a presente pesquisa e produções. Com as inúmeras imagens hoje circulando nas redes sociais, não há uma busca exaustiva com a finalidade de extenuar o atlas perante todas as ocorrências, cada vez mais frequentes, que existem. Preciso quanto a dados técnicos e à autoria, como aconteceu com a identificação do altar de cerâmica policromada de Susana Ruiz Blanch, chamado *Madre de Todos Dios*, 2011, às vezes são obtidas após anos da coleta da imagem recebida. Durante seu desenvolvimento, fontes aleatórias em torno dos temas pesquisados e poéticas em construção, tanto as de minha autoria como de orientand@s, aparecem com elementos similares ou convergentes a formas, estilos e temas, sendo estas produções tratadas em termos de coincidências, especialmente quando produções poéticas coincidentes as que estão em construção são encontradas.

Signos a pensar e criar



Figura 7. Paola Zordan, Tríptico Apocalipse, Floresta, Paz, 2013, Acrílica sobre tela, 30 cm x 60 cm

⁶ Conferir em <https://www.shethinx.com/blogs/speax-archive/suzanna-scott>

⁷ <http://www.greatwallofvagina.co.uk/great-wall-vagina-panels>, sendo interessante também conferir a escultura de Fernando de La Jara, <https://it.wikipedia.org/wiki/Pi-Chac%C3%A1n>

⁸ <https://jonathanjohnson.de/en/store/vagina-madonna-salt-shaker>

Com Foucault, aprendemos que um arquivo, seja via incidência coletadas sejam pelas coincidências encontradas, materializa enunciados, expressando, em sua matéria, o que pode ser dito em uma determinada época. Deleuze, ao escrever sobre o arquivismo de Foucault (Deleuze, 1988) mostra o quanto um arquivo, mais do que elaborar uma ordem, arranjar um suporte que comporte suas matérias é atravessado por falhas que mostram o quanto é impossível (Deleuze, 1988) um regime de signos ser inerte. A criação de uma coleção de incidentes que traz referências tanto do marianismo sincrético quanto a imagens catalogados junto à tradição, fornecendo indícios de como concepções de feminino se articulam. Tanto a figura servil, maternal, confortadora e cheia de sofrimento, dada historicamente como ideal feminino a ser seguido na vida das mulheres, como o feminino sexual aterrador, ambos implicados no tema aqui desenvolvido, demandam análises pormenorizadas, as quais podem desenvolver, a partir do arsenal de pesquisa, muitos outros estudos. Ao descrever como tais figuras operam no modo de vida das mulheres contemporâneas (Zordan, 2008; Zordan, 2016; Zordan, 2019) e ao se estudar como uma imagem produz subjetivações, compreendemos como funciona o discurso visual que a iconografia inventariada propaga.

O que se apresenta, via as diversas imagens arquivadas em torno da figuração feminina, conduz pensar e pintar os seguintes elementos: 1) o corpo; 2) as secreções e os resíduos dos órgãos do corpo; 3) os volumes e as invaginações dos corpos; 4) as dobras; 5) pele, véus, mantos; 6) roupagens e adereços; 7) ornamentos; 8) rostos; 9) casas; 10) cidadelas ou cidades; 11) grutas; 12) terra, a argila, o composto orgânico. A figura anatômica se desdobra nas figurações alegóricas de cunho simbólico: a) rosa; b) diadema estrelado e/ou auréola; c) lua; d) serpente; e) corda, cordão ou rosário; f) água; g) conchas. Todas as séries se diluem numa só matéria, fértil aos temas icônicos do marianismo, mas também presentes nas criações simbolistas e na profusão imagética dos dias atuais. A pintura simbolista, enquanto estilo e exploração intuitiva de massas e cores, é precursora das minhas séries picturais, sendo possível estudos à parte em relação a esta tendência e suas complexidades historiográficas.



Figura 8. Paola Zordan, *Tríptico de Lourdes*, 2014, Acrílica sobre tela, 20 cm x 45 cm

Contudo, a divisão das coleções em blocos, mesmo os históricos, nunca é derrisória. A primeira tentativa, quanto aos incidentes e precursões, foi inventariar obras que nos permitiram chegar às formulações em questão. Obras de artistas mulheres são

referências, Louise Bourgeois é a mais célebre, no entanto, Kiki Smith e artistas latino-americanas, em especial as *Guadalupes series* da mexicana Victoria F. Franco e as de Alma López, são elencadas como relevantes e mesmo iniciadoras do tema. A obra da brasileira Teresinha Soares, que atuou nos anos 1960 e 1970, tendo o corpo como elemento central em suas poéticas, é de extrema relevância, especialmente a trilogia *Túmulos*, 1970, que converge ao tema cemitério, minha pesquisa de graduação que, seguindo a imanência entre matéria, corpo, vida e morte, retorna no horizonte do que atualmente ocupa a produção do projeto *Idolatria Iconoclasta*, em especial no que tange à discussão do *kitsch*, a questão do clichê e ao problema do que, enfim, constitui à legitimação de uma arte. Depois, fez-se necessário inventariar obras notórias da iconografia mariana e do corpo feminino em seus aspectos não usuais (dando a ver os genitais). Este segundo movimento investigou sítios de culto mariano, buscando as relações entre os órgãos genitais femininos e as imagens canônicas, tais como podemos ver na capela do Padre Faria, em Ouro Preto e na estátua de Nossa Senhora de Fátima no santuário em Portugal.



Figura 9. José Ferreira Tedim, protótipo da estátua de *Nossa Senhora de Fátima*, detalhe, 1920. Museu Santuário de Fátima, registro da autora em trabalho de campo, 2018

Estas imagens que, em seu corte e via aproximações relacionam as mãos postas ou drapeados com vulvas, podem ser agrupadas numa só constelação. Uma outra coleção se debruça exclusivamente nas pinturas de Imaculada Conceição encontradas tanto em santuários como em locais prosaicos, a fim de pensar seu sincretismo com a afro-brasileira Oxum e sua importância desde Portugal, passando pelo Brasil Colônia até o Santo Daime. Um terceiro inventário lista ocorrências que reinventam Nossa Senhora no cotidiano brasileiro, as “nossas senhoras de todas as coisas”, como diz a pesquisadora Débora Balzan Fleck, as nossas senhoras adesivadas em caminhões pelo Brasil, recriadas das mais diversas formas, como o santinho que mistura Rita Lee e Nossa Senhora das Graças, apresentando a “protetora das ovelhas negras”⁹.

⁹ Cf: <https://br.pinterest.com/pin/353743745707886703/?lp=true>

Dentro do arquivo constam catorze ocorrências, onze anônimas ou de autoria não identificada, de Virgens Vulvas ou Vulvas colocadas em oratórios¹⁰. Observa-se que Débora Iglesias produziu seus altares de vulvas após assistir palestra proferida por mim na Universidade Federal de Santa Maria, em 2013. Há um segundo altar para uma vulva pertencente ao ex-orientando de Mestrado Guilherme Schröder. Essas ocorrências são contágios da pesquisa. Coincidências são notícias e obras encontradas, como algumas matérias jornalísticas que discutem a perseguição e a condenação deste tipo de conteúdo, como ocorreu em 2014 com as peças bastante vendidas de Ana Smile, em Goiás¹¹ e o caso espanhol da passeata feminista que trazia num andor uma possível “santa cona¹², casos que são inventariadas no sentido de mostrar as tensões em torno do tema e embasar argumentos em relação a sua importância no contexto atual. O tabu com o qual a humanidade trata a vagina pode ser sentido nas ameaças à artista japonesa Magumi Igarashi¹³ e no desfecho da performance *Mirroroforigin*, de Deborah de Robertis¹⁴ no Museu D’Orsay, em frente à célebre imagem de Courbert. Tanto a imagem sacralizada iconograficamente quanto o órgão reprodutor carregado de forças invisíveis trazem uma figura que pode ser entendida como obscenidade e ofensa, como se apresentam os depoimentos de pessoas católicas frente à liberdade de expressão da goiana Ana Smile, proibida de criar Nossas Senhoras inspiradas em ícones superpropagados pela cultura visual, como Frida Kahlo, Mulher-Maravilha, o Coringa de Batman.

Por fim, uma nova sucursal da pesquisa inclui as populares Pombas Giras, figuras divinas e profanas das religiões afro-brasileiras, as quais surgem como contraponto da Virgem Maria, esta última tomada em seu aspecto puritano de acordo com a carga atribuída a seu culto especialmente no século XIX. Relacionadas com prostitutas e

¹⁰ Cf. Em função da baixa definição das imagens, enviadas em aplicativos de mensagens e compartilhadas em redes sociais, não é possível reproduzir satisfatoriamente a amplitude desta coleção, sendo possível visualizar algumas em determinados sites:

<https://thekingpinco.bigcartel.com/product/vaginal-mary>
<https://br.pinterest.com/pin/409546159846487345/>
<https://br.pinterest.com/pin/689473024178078433/>
https://www.etsy.com/listing/589151112/10in-vulva-de-guadalupe-wall-hanging?ref=landingpage_similar_listing_top-2
<https://4.bp.blogspot.com/-68CKznKX5M8/WFCMoibFOHI/AAAAAAAAQVQ/hdJGeJCrBYwMvSX8-J5TsYvXpx-f8iigQCLcB/s1600/meme%2Bguadalupe%2B18.jpg>
https://www.vdayri.com/uploads/6/2/3/7/6237239/val-logo_orig.jpg
<http://iklektikartlab.com/beyond-the-mask/madonna-vagina-by-paola-de-ramos-detail/>
<https://pbs.twimg.com/media/BtGFOCWCUAA7C2m.jpg:large>

¹¹ Cf. https://www.vice.com/pt_br/read/santa-blasfemia-imagens-religiosas-personagens

¹² Cf. <https://broadly.vice.com/es/article/a3wyyg/cono-insumiso-sevilla> e http://mujerespanyrosas.com/santisimo-cono-insumiso-al-banquillo/e_ainda
https://www.elespanol.com/sociedad/20160920/156985194_0.html

¹³ Cf. <http://observador.pt/2014/07/16/artista-que-mapeou-e-enviou-imagens-da-sua-vagina-30-pessoas-foi-detida-japao/>

¹⁴ Cf. <https://news.artnet.com/exhibitions/artist-enacts-origin-of-the-world-at-musee-dorsay-and-yes-that-means-what-you-think-35011>
<http://www.onesmallseed.com/2014/06/vagina-activism-shameless-provocation-or-conceptual-art/>

mulheres livres, as Pombas Giras figuram mulheres da rua, Rainhas de territórios não celestiais, como cemitérios, infernos, cabarés. As Virgens Vulvas, de algum modo, relacionam as divindades femininas em aspectos aparentemente opostos, misturando as Nossas Senhoras católicas com as divindades sexuais de cultos politeístas. Desta miscigenação figurativa, que trato como *Nossa Gira Senhora*, título poético para um Seminário, a qual inclui debates sobre abuso e violências sofridas pelas mulheres, em especial as dos povos originários entre outras questões, afirma-se uma micropolítica em que o feminino é tanto sagrado como profano, tanto divino quanto banal. Pautas feministas, que se fazem presentes pelos trabalhos desenvolvidos no grupo de pesquisa, agregam-se ao sincretismo, conceito a ser desdobrado junto a trabalhos futuros, em que tais temas serão estudados preferencialmente junto a matrizes culturais não europeias.

Aberturas

Nenhum desenho esquemático é capaz de fechar, mesmo que provisoriamente, esse infinito trabalho. Na tentativa de concluir o inconcluso, temos a proliferação abundante dos temas, intensificada pela circulação eletrônica de imagens e densidade de artistas maior do que oferta de temas, meios e espaços de exposição, de modo que não é possível concluir um atlas das figurações marianas genitais. Os problemas na era da reprodução de imagens digitais e a captura de fontes, na internet, marcam imprecisões nas fontes e autorias. Tudo o que resta é a *pathosformel*, sua repetição diversificada, que jamais permite igualar uma imagem a outra, mesmo quando formas, estilos, materiais e técnicas sejam os mesmos. Ao se relacionar a figura feminina de culto com uma miríade de temáticas secundárias, trabalhamos com as composições labirínticas e blocos de formas remanescentes ao modo de Warburg, assumindo áreas escuras, não visibilizadas. A criação de um atlas com estas imagens atesta as dificuldades para se extrair uma síntese unitária, mesmo operando agrupamentos que explicitam origens, usos e contextos comuns a cada figura e relações diversas em uma só imagem. Conceitos como montagem, colagem, sobreposições e apropriações, ficam em aberto para que novos textos se desenvolvam. Com a geofilosofia de Deleuze e Guattari é possível afirmar uma fabulação pictórica na matéria dos arquivos, mostrando a vida própria nas imagens selecionadas para estudo. Essa vida implicada em nascimentos, mortes e carnes ressurretas, que não cessa porque, como um engrama, fixa a experiência no corpo que a vive.



Figura 10. Paola Zordan. *Aparecida Ovos de Ouro*, colagem e fotografia digital. Dimensões variáveis, 2017

Referências

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ou o gaio saber inquieto*. O olho da História, III. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2018.

_____. *A imagem sobrevivente: história e tempo dos fantasmas segundo AbyWarburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FILHO, Olinto Rodrigues dos Santos. *A Matriz de Santo Antônio em Tiradentes*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010.

GOMBRICH. *O uso das imagens*. Porto Alegre: Bookman, 2012.

GOMES, Paola B.M.B. Genitais Femininos e os Lugares da Diferença. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.) *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003, p. 273-297.

TORELLY, Gabriel; ZORDAN, Paola. Língua Mata Virgem Brasília: um perspectivismo dos saberes transversos. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 9, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/78859>

WARBURG, Aby. *Atlas Mnemosyne*. Madrid: Akal, 2010.

WARBURG, Aby. *Histórias de Fantasma para Gente Grande: escritos, esboços e conferências*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2015.

ZORDAN, Paola. *PRINCESAS: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo*. Curitiba: CRV, 2019.

_____. Virgem Senhora Nossa Mãe Paradoxal. *História: Questões & Debates*, Curitiba, volume 65, n.2, p. 239-263, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/47241/33505>>

_____. Melodrama e Ideal Ascético em Nietzsche: para pensar o mau gosto. *Palíndromo*, v. 3, p. 203-221, 2010.

_____. O cuidado feminino. *Margens (UFPA)*, v. 4, p. 157-196, 2008.

_____; MOMBACH, Vania. *Corpo de passagem*. In: 16°. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Artes Plásticas: dinâmicas epistemológicas em artes visuais, 2007, Florianópolis – SC. Dinâmicas epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis (SC): Clicdata Multimídia, 2007, p. 1-10.